ARRAIAL ALHEIO

Francisco Gregório Filho

Permitam-me, prezados leitores, ou melhor, ouvintes, por ora umas conversas afiadas ou umas boas notícias produzidas e narradas por este leitor, determinado leitor.

Vindo de experiências como produtor cultural na área das artes cênicas e em rádios, fui convidado para fazer parte da equipe do Proler-FBN em 1991, pelos professores Affonso Romano de Sant'Anna e Eliana Yunes, articuladores da proposta teórico-metodológica e também organizadores do grupo estudos e de trabalho. O Proler funcionava no porão do prédio da Biblioteca Nacional onde permaneceu até a inauguração da Casa da Leitura, em 13 de agosto de 1993.

Éramos seis pessoas, inicialmente. Em meio a inúmeras reuniões para estudo dos documentos até então produzidos, bem como para discussões sobre outros em produção, a equipe foi sendo ampliada no Rio de Janeiro e em outros estados. Partimos para os encontros com diversos segmentos organizados da sociedade civil. Com algumas entidades e instituições, os entendimentos eram imediatos; com muitas outras, porém, as conversas aconteciam sob total desconfiança.

Como? O governo interessado em promover e incentivar a leitura? Surpreendiam-se nossos interlocutores com freqüência. E a partir de que motivação e de que premissas? Quando nos apresentávamos como funcionários da Biblioteca Nacional demonstravam grande simpatia e boa acolhida.

Percebíamos que a FBN era respeitada, mas considerada por alguns grupos da sociedade como uma instituição que atendia a poucos e ainda muito longe de se envolver com as questões primordiais de interesse da maioria da sociedade brasileira. Em cada oportunidade, em conversas com possíveis parceiros, salientávamos o desejo do presidente da BN, professor Affonso e de toda a sua equipe, no sentido de empreender esforços para que a Biblioteca se comprometesse mais com as questões pertinentes a sua área de atuação: a

memória, o livro, a biblioteca, a leitura e o leitor. Os debates se apresentavam positivos e as sugestões eram encaminhadas aos setores responsáveis por tais assuntos.

No dia 13 de maio de 1992, o Programa foi oficializado com publicação no Diário Oficial.

Tínhamos também iniciado já, então, a rede de parceiros para o deslanchar de ações do Programa Nacional de Incentivo a Leitura e para a mobilização e construção de uma política nacional de leitura.

Ouvíamos as autoridades dos órgãos de cultura, educação e saúde, estaduais e municipais; as universidades e seus pesquisadores; as associações de profissionais e as entidades populares. Propúnhamos um grande movimento de difusão e promoção da leitura a partir dos leitores – educadores sociais – como multiplicadores e incentivadores da leitura em suas áreas de atuação e em seus diversos espaços sociais – a casa, o trabalho, os transportes coletivos, o clube, o sindicato, a escola, a biblioteca, os centros culturais, as praças, os quartéis, as quadras de esportes, entre outros.

Em alguns municípios, as autoridades apresentavam projetos apenas para a construção de prédios, pedindo recursos para obras. Sabíamos que em muitas localidades não existiam prédios abrigando acervos de livros e outros materiais que pudessem ser chamados de biblioteca, de centro estudantil ou algo semelhante. Em algumas cidades, encontrávamos os prédios e até os acervos, mas as autoridades pediam dinheiro para a compra de equipamentos – todos queriam informatizar as bibliotecas. Em outras, o interesse direcionava-se somente para a compra de livros. O desafio era imenso. Como encaminhar e considerar esses e muitos outros interesses? Quais os recursos disponíveis para tais atendimentos?

Precisávamos articular um movimento na sociedade que considerasse as múltiplas questões em torno do incentivo à promoção da leitura. Reunir pensadores, educadores, bibliotecários, escritores, jornalistas, editores, livreiros e demais interessados na formação de uma rede solidária, crítica e inventiva, fortalecendo todas as iniciativas que propusessem ações verticais, no sentido de

melhorar o acesso da população aos materiais suscitadores da produção de leitura e a qualificação de agentes multiplicadores e formadores de leitores. Estas questões foram e continuam sendo complexas.

Como sensibilizar as autoridades, os políticos, os empresários e os trabalhadores para a importância de se criar fundos para arrecadar recursos de diferentes fontes legais para aplicação na formação e na constante formação de educadores leitores? Recursos para aquisição de livros, vídeos, revistas, jornais, objetos de arte e computadores para equipar salas de leitura, bibliotecas, museus, centros culturais, centros comunitários, clubes, escolas e outros espaços de convivência?

Faz-se necessário muito esforço, mas muito mesmo, para que a sociedade, como um todo, compreenda e reivindique aos responsáveis a urgência na implantação de medidas eficazes de distribuição de renda e no planejamento de programas, destinados a qualificar o exercício de discernimento dos cidadãos e aumentar sua participação e inclusão. A leitura pode ser uma excelente porta. Os desafios permanecem, e as complexidades também.

É importante registrar a quantidade expressiva de ações existentes em todo o país, envolvendo recursos financeiros, pesquisas e agentes culturais; tanto vinculadas a instituições públicas ou privadas, como as iniciadas por grupos independentes e/ou pessoas comprometidas em suas comunidades. Alguns desses projetos precisam apenas de apoio para se contactar e trocar experiências, intercambiar. Todas e quaisquer medidas verdadeiras que envidem esforços para a difusão e a consolidação desses programas são bem-vindas. A meta é a transformação do Brasil em uma nação leitora e sem exclusão.

Foi com o mapeamento gradual deste quadro de possibilidades que o Proler assentou sua estratégia política. Evidente que narro aqui do meu ponto de vista.

Os comitês regionais e os seminários do Proler

Os comitês locais, compostos por representantes de entidades e instituições, desenvolviam as linhas de ação escolhidas como prioritárias na região e organizavam seminários de atualização e formação de agentes promotores de leitura – professores, educadores sociais, artistas, escritores, poetas, bibliotecários, animadores culturais, agentes de saúde, agentes do meio-ambiente, pais, alunos, carteiros, agentes de turismo, militares, cantadores e cordelistas, pesquisadores, editores, livreiros, distribuidores, cineastas, gráficos, ilustradores, garis, psicólogos, teólogos e todos que se interessassem.

Os seminários ou encontros reuniam trezentas, quinhentas, oitocentas e até mil pessoas – dos populares às autoridades do lugar. Entre as muitas atividades desenvolvidas nesses encontros, os participantes interagiam com falas, apresentações, debates, conferências, pesquisas, espetáculos, exposições, feiras, oficinas, sessões de cinema e vídeos, festas folclóricas, rodas de leitura, recitais de poesia, contação de histórias, danças, cantorias, informes dos projetos e das teses sobre produção de leitura, produção de textos e leitura livre de muitos livros.

Especialistas convidados, com diferentes formações e vindos dos mais diversos lugares do país, orientavam os trabalhos com abordagens distintas e fundamentadas em práticas mobilizadoras e estudos técnicos e teóricos.

Ao término de cada seminário, as propostas de ações e de planejamento eram discutidas, aprovadas, e os compromissos e as responsabilidades para execução e acompanhamento assumidos. O intercâmbio entre os grupos e seus projetos era incentivado. Às vezes, algumas dessas ações iniciadas a partir dos planejamentos davam com os burros n´água, mas os fracassos repensados apontavam novas linhas de ação, corrigindo equívocos e eliminando obstáculos. Outras, no entanto, são ações vitoriosas e permanecem até hoje, operadas por grupos independentes comprometidos com suas comunidades. Como dizia Paulo Freire, “é uma boniteza” reencontrar essas pessoas, esses profissionais e esses projetos em pleno desenvolvimento em muitas regiões brasileiras.

Meu coração se alegra em constatar a potencialidade e a capacidade dos brasileiros de se organizarem em torno das ações positivas de inclusão social e cidadania. A leitura é o fermento dessas notícias. Boas notícias articuladas pelos comitês regionais de promoção da leitura. No entanto, faz-se necessária decisão política das autoridades federais, estaduais e municipais para o efetivo desenvolvimento. E é claro, destinação de recursos.

Uma casa amorosa

O professor Raimundo Romeu, à época, Reitor da Universidade Federal Fluminense, de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, sabendo do interesse da equipe do Proler em buscar um espaço digno para instalar o Programa, levou-nos a notícia de que uma casa estaria sendo leiloada pelo Ministério da Administração e Planejamento. A casa, localizada na Rua Pereira da Silva, número 86, no bairro de Laranjeiras, na cidade do Rio de Janeiro, realmente fora levada à leilão várias vezes, sem arrematada que fosse. Estava em péssimas condições, cercada por prédios de moradia de classe média e pela favela da comunidade do Pereirão. Conhecida na vizinhança como mal-assombrada, a casa havia sido, tempos atrás, sede de uma instituição social. Segundo o imaginário da população vizinha, almas penadas e fantasmas habitavam aquele prédio. Alguns populares juravam “de pés juntos” terem visto essas personagens passeando pelos cômodos da casa madrugada adentro e dizendo, a boas línguas, os motivos pelos quais os interessados não conseguiam arrematá-la.

Numa argumentação convincente, elaborada pela professora Eliana e equipe, a solicitação seguiu assinada pelo Presidente da Biblioteca Nacional, Affonso Romano de Sant’Anna. Meses depois, a casa era repassada à Biblioteca por meio de comodato, por um tempo de 99 anos, com possibilidade de renovação por outro tanto. No documento está explicitado o destino do imóvel: sediar o Programa Nacional de Incentivo a Leitura - PROLER. As obras necessárias foram desenvolvidas com recursos do Fundo Nacional de Cultura, transferidos à

Biblioteca Nacional, gerenciados pelo seu Departamento de Administração, sob os cuidados técnicos do arquiteto Luis Antonio.

Com um pequeno jardim, jarros com flores e alguns livros, no dia 13 de agosto de 1993 – uma sexta-feira –a Casa da Leitura foi inaugurada com festas e solenidades que contaram com a presença de autoridades das áreas de cultura e educação, escritores e poetas, editores e livreiros, professores e bibliotecários, integrantes da Associação de Moradores do Bairro de Laranjeiras, funcionários da Biblioteca Nacional, muitos leitores e curiosos.

Muitas histórias foram contadas por alguns contadores para adultos, jovens e crianças. Um padre, um pastor, uma mãe de santo e outros religiosos celebraram as bênçãos, testemunhadas por todos, inclusive por aquelas almas penadas e aqueles fantasmas.

Usei um terno azul, camisa branca e gravata azul-marinho; foi um dia marcante em minha vida.

Nesse dia ainda, reunido com um grupo de mulheres, homens e crianças, moradores da Rua Pereira da Silva, narrei muitos causos de minhas vivências no Proler. Causos que continuei contando por mais exatos três anos para público de leitores e educadores que se reuniam para as oficinas de Práticas Leitoras e Contação de Histórias nas salas da Casa. Em agosto de 1996, pedi minha transferência para outra instituição, mas esta é uma outra história. Permaneço pertencendo ao quadro de funcionários da Biblioteca Nacional, porém, cedido ao Centro Cultural Paço Imperial, onde atuo no Setor Educativo, na promoção de oficinas de Práticas Leitoras e Contação de Histórias junto a educadores, alunos e público em geral. Gostaria de contar aqui, alguns daqueles muitos causos referidos, numa escolha do coração, para compartilhar com os amigos leitores um pouco das minhas alegrias por esse Brasil querido e alheio. Em outras oportunidades contarei umas outras boas notícias, lembrando sempre de agradecer aos professores Affonso e Eliana e aos companheiros da equipe pelo vigoroso exercício de produção de sentidos e responsabilidade social em políticas públicas.

Minha gratidão aos especialistas e parceiros pelos pensares, saberes e fazeres e os comprometimentos: Geysa, Leandro, Adélia, Chico, Santinho, Glória, Ana, Antonio, Ângela, Jackeline,Fani, Lucelena, Affonsina, Affonso, Marina, Amauri, Carol, Alexandre, Maria, Cristina, Lúcia, Amir, Nilda, Wladimir, Eliana, Marta, Valéria Edith, Marcelo, Oswaldo, Marilu, Nelly, Teresinha, Amélia, Aurélio, Virginia, Clara, Inês, Rita, Luis, Silvina, Jesus, Rodrigo, Bartolomeu, Augusto, Sérgio, Raimundo, Rosana, Júlia, Irineu, Rangel, Rosane, Goiandira, Andréia, Eloísa, Teresa, Claudia, Rogério, Maurício, Ebe, Manoel, Nanci, Helena, Dolores, Ricardo, Rubem, Mariana, Fernando, Silvio, Tânia, Julinho, Mauro, Paulo, Geraldo, Milton, Gisela, Vera, Mônica, Francisco, André, Cecília, Eduardo, Pedro, Renato, José, Rose, Roberto, Clarice, Leandro, Roseana, Victor, Pompeu, Rosa, Álvaro, Rosângela, Silvia, Laura, Sônia, Marília, Miriam, Lílian, Vilma, Amarília, João, Lígia, Raquel, Marcos, Ruth, Genésio, Rui, Célia, Regina, Luciana, Roger, Celso, Joel, Mirela, Iracema, Luiza, Isabel, Mara, Flávio, Carmem, Luzia, Esther, Marisa, Jorge, Heleusa, Milena, Vânia, Denize, Mario, Zélia, Carlos, Lívia, Fátima, Letícia, Olga, Cilon, Milene, Angélica, Rafael, Ronaldo, Armando, Francisca, Nelson, Sandra, Virgílio, Lídia, Vera, Telissa, Joaquim... e tantos outros.

Canteiros de obras

Contos tradicionais do Brasil. Livro publicado pela editora Ediouro. O autor, homem potiguar e brasileiro, Luís Câmara Cascudo. Pesquisador do folclore junto a narradores e a comunidades culturais do Nordeste, registrou os diversos contos, mitos e lendas narrados em diferentes cantos do país por contadores de histórias – mulheres e homens que, com muita graça, repassam por meio da oralidade os saberes populares.

Recebi convite de um empresário da construção civil, atuante na cidade do Rio de Janeiro, para desenvolver um programa de incentivo à leitura com operários em canteiros de obras. Topei e mergulhei nos exercícios diários de ler junto com os trabalhadores o livro de contos. Uma escolha arbitrária, a princípio, considerando apenas a coincidência de repertórios. A proposta para essas práticas seria, a partir da leitura de alguns desses contos, suscitar boas conversas

em que as pessoas pudessem ler e contar, também, outras versões dos mesmos. Considerando, ainda, que a maioria dos operários era de nordestinos e alfabetizados, pressupunha-se uma intensa empatia com o livro.

A empresa fez uma compra de 100 livros. Um exemplar para cada operário envolvido no programa. Pagou a quantia de 10,00 (dez reais) por exemplar, num total de R$ 1.000,00. Uma professora leitora foi convidada, recebendo R$1.000,00, como salário mensal, para uma hora por semana com cada grupo de vinte trabalhadores. A construtora pagou também, a título de hora extra, R$ 10,00 para o trabalhador presente em cada encontro. Cada um dos 100 recebeu por mês R$ 40,00. Os gastos com esse tipo de ajuda de custo somaram R$ 4.000,00 mensais. A proposta foi realizada em três meses, custando para a empresa, nesse período, R$ 20.000,00.

100 livros	1.000,00
1 leitora guia	3.000,00
100 trabalhadores-leitores	12.000,00
consultoria	3.000,00
registro	1.000,00
total	20.000,00

Assim, em 3 meses todos os 100 funcionários da construtora leram o livro *Contos tradicionais do Brasil*. Como presente, levaram para suas casas o livro e as leituras realizadas em grupo. Momentos inesquecíveis, geradores de paixão de ler. Todos incluídos nessa viagem mágica com as palavras. Claro que alguns demonstraram mais desenvoltura que outros nos exercícios de ler em voz alta, de contar e recontar em grupo as histórias lidas e até de escrever alguns dos contos trabalhados. Todos festejaram, dançando e cantando com os amigos.

A empresa diminuiu um pouquinho o seu lucro, mais o saldo social foi animador. A energia positiva criada, como uma rede, envolvendo os trabalhadores, certamente resultará em ganhos imediatos e a médio e longo prazos.

Todo o processo contou com a participação e a supervisão da senhora esposa do proprietário da empresa. O empresário é só entusiasmo e já declarou que a experiência vai continuar em duas frentes: em primeiro lugar, formação de outros grupos de operários para participar de processo semelhante; em segundo, continuação do projeto com o grupo dos 100 primeiros leitores, em outra etapa, já agora envolvidos com poesia. Um poeta contemporâneo foi escolhido a partir da sugestão de todos os comprometidos. *O livro das Ingnorãças*, do poeta Manoel de Barros, circula em mãos e corações desses trabalhadores leitores.

Biblioteca do sal

Areia Branca, Rio Grande do Norte, região de salinas. Grande produtora de sal. Largos pátios cheios de grãos cristalinos retirados das águas do mar. Sal grosso, sal refinado. Das águas com iodo. Indústrias que processam esse sal, comercializam por todo o Brasil e exportam para outros países.

Muitas mulheres e muitos homens trabalham nesses processos de extração e refinamento do sal. Outros empregam suas forças e energias na distribuição e venda do produto. Nessa região da costa atlântica, muitas famílias dependem da industrialização e do comércio dessa mercadoria.

O mar, em sua generosidade, e o sol, com sua luz, ajudam os homens a temperarem seus pratos, a salgarem suas comidas, a se nutrirem.

Uma imensidão de pátios, agrupando os grãozinhos brilhantes sob o sol escaldante pode ser vista por olhos que visitem a região.

Também os trabalhadores expõem suas vistas a esses espelhos cintilantes, no manuseio dos equipamentos exigidos para o processamento, em todas as etapas, desse elemento tão fundamental na alimentação e na degustação.

Expondo seus olhos à claridade do sal por longo tempo, mulheres e homens salineiros acabam por comprometer sua visão. Muitos chegam a experimentar cegueira temporária; outros tantos acabam literalmente cegos. Alguns desses operários sofrem profundamente na tentativa de recuperar a visão.

Uma boniteza é saber dos esforços e das ações desenvolvidas pelo movimento dos salineiros por meio de sua organização política. Seus sindicatos representativos são atuantes em suas reivindicações e nas lutas por direitos e amparos. Grandes embates acontecem nas negociações desses direitos com as organizações que representam os patrões. Às vezes algumas conquistas são asseguradas.

Pois bem, fui encontrar um tio-avô meu cumprindo um mandato na presidência de uma dessas entidades representativas dos trabalhadores salineiros, lá em Areia Branca. Um tio-avô cego. Fui visitá-lo no sindicato. Fiquei contente em vê-lo e saber de sua atuação junto aos companheiros nos encaminhamentos das lutas de interesse da categoria e ainda nas realizações de atividades socioculturais, envolvendo familiares dos salineiros.

Conheci uma dessas atividades que muito me entusiasmou – foi um programa de promoção de leitura. No prédio do sindicato, em uma das salas, organizaram uma biblioteca pequena, com apenas dez estantes contendo publicações de editoras brasileiras. Livros de literatura em língua portuguesa. Autores brasileiros, portugueses e africanos. Aproximadamente uns 3.000 exemplares. Familiares dinamizavam esse acervo, desenvolvendo diversas práticas leitoras.

Em outra sala, por iniciativa de meu tio-avô, mais 10 estantes foram instaladas e o sindicato comprou 3.000 cadernos, uns com pautas, outros sem pautas. Arrumaram esses cadernos nas prateleiras das estantes. E, mais ainda, uma mesa grande e 10 cadeiras. Pronto o espaço, acrescentaram sobre a mesa canecas cheias de lápis, borrachas, apontadores e canetas esferográficas. Anunciaram que cada trabalhador e seus familiares teriam direito a um caderno, com ou sem pautas, para que pudessem escrever suas histórias com as próprias mãos, caligrafias, palavras e desenhos. Lá mesmo na sala, ou retirando o caderno e levando-o para casa, ou para o trabalho, de modo que, nos momentos que desejassem e nas oportunidades de intervalo do trabalho, registrassem suas lembranças, seus causos, suas experiências de vida e de operários do sal.

Pois muitos cadernos foram preenchidos com letras, palavras, textos e muitas passagens de vida em família e de vivências com os companheiros no trabalho.

Esses cadernos com escritas – essas escrituras – constituem uma biblioteca das mais ricas e inusitadas que eu já encontrei por esse Brasil. Os cadernos estão lá e as vidas das pessoas também, em suas incompletudes, idiossincrasias, diabruras e virtudes. Todos são leitores dos cadernos e dos mundos ali ensaiados. Todos juntos podem construir melhor esses mundos e transformá-los a partir dessas imbricações contidas os textos, do real e do ficcional, tecidos e emaranhados um no outro, ou melhor, um com o outro. Biblioteca viva.

Durante minha visita ao sindicato dos salineiros, deixei escrito em um dos cadernos uma história e minha impressão sobre essa idéia.

Enquanto eu escrevia, um menino de aproximadamente 11 anos de idade, sentado em outra cadeira, também escrevia em um dos cadernos da Biblioteca. Registrava, com um texto seu, a travessia para outros mundos de sua avó. Escrevia nas últimas páginas do mesmo caderno onde se lia a história de vida da avó expressa por ela mesma. Ali, a caligrafia que reunia palavras narrava as peripécias de uma mulher trabalhadora do sal em suas dores e alegrias. Suas vitórias.

O menino, o neto, também deu início aos escritos em um novo caderno. Depois, curioso, fui ler a primeira página do caderno desse menino. Está lá, na primeira linha: “Quando eu crescer quero trabalhar com o sal e participar do Sindicato”.

Caldo de Caridade

Caldo de caridade. Água na panela para ferver. Algumas ervas colhidas nos quintais e em terrenos próximos às casas das famílias dos bairros do São Francisco, 6 de Agosto, Cadeia Velha e Cerâmica. Entre eles, o rio Acre, que atravessa a cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre. Água temperada com ervas, folhas e sal. Acrescenta-se um punhado de farinha e, depois de bem

mexer, serve-se as crianças com fome e desnutridas. Refiro-me à farinha de mandioca, a milagrosa.

Pois assim, uma mulher professora e mãe atua junto a outras mães daqueles bairros, no combate à fome e à desnutrição. Isso acontece à noite. Caldos de caridade, tão necessários para o bom sono das crianças. Não sei lhes dizer o porquê de algumas mulheres adicionarem ao caldo a pimenta. O soro da pimenta de cheiro, esmagada numa colher com o tucupi, complementa o tempero do caldo. Os irmãozinhos mais velhos dessas crianças precisadas do caldo já freqüentam as escolas públicas e se alimentam da merenda escolar.

Mas o que eu queria trazer aqui, com a história dessa professora, é o outro trabalho que ela também vem realizando. É que observando nessas casas vizinhas a presença de alguns livros, iniciou um movimento de leitura com as mulheres, mães das crianças.

Os livros estão nas casas, guardados dentro das petisqueiras, dos armários, debaixo das camas, por cima dos aparelhos de televisão e misturados às panelas em prateleiras das cozinhas.

Foram levados pelas meninas e meninos em idade escolar. Doados pelo Governo Federal e outras instituições governamentais estaduais e municipais. Programas de doação de livros que proliferaram pelo país inteiro, como medida para solucionar a questão da grande parcela de brasileiros “não leitores”.

Pois bem, essa professora, que também é mãe de sete filhos, arranja tempo para incentivar grupos de mulheres a abrirem, folhearem, conhecerem e lerem esses livros. Isso porque, em sua observação, eles nunca tinham sido abertos, sequer folheados, por nenhuma das mães ou outros membros da família.

Desde então, percorre as casas para ensinar o preparo do caldo de caridade e para comentar sobre as leituras e sobre os livros.

Uma vez por semana reúne-se com grupos de mães, avós, irmãs e vizinhas para uma sessão de leitura em voz alta e conversas sobre os sublinhados das leituras silenciosas. Durante uma, duas e, às vezes, até três horas. Esses encontros acontecem com as vozes de todas as mulheres envolvidas nesse

movimento. Assim, por meio dessas leitoras, as crianças estão se interessando pelos livros e pelas leituras.

Um leitor contagia o outro e a vida segue inaugurando novos mundos e novas redes de relações.

O que essa professora mostra, com o seu movimento, é que não basta somente a presença de livros nas casas das pessoas para deflagrar e sustentar o interesse por esse tipo de leitura:

– É preciso promover os diferentes caminhos da produção de leitura; reconhecer a pluralidade de materiais de imagens; considerar as diversas maneiras de organizar, de pensar, agir e criar em comunidade; estimular o escutar, o ouvir e o contar histórias; brincar, cantar e festejar desde as pequenas até as grandes conquistas de cada um dos participantes do grupo; respeito, muito respeito pelos muitos discursos, diminuindo a ansiedade e as interpretações precipitadas das falas alheias, e mais a soma da poesia e ternura com a construção da capacidade de suspender o real e retornar a ele, alterado para transformar o entorno.